

O meu primeiro encontro com São Josemaria

O Pe. Fernando Rancan é o primeiro sacerdote diocesano do Opus Dei em Itália. Nesta entrevista relata como foi o seu primeiro encontro com S. Josemaria em Roma em 1959. "Durante a longa hora em que estive com o Padre perdi a noção do tempo. Tinha mergulhado num cúmulo de maravilhas que, sendo deste mundo, falavam uma linguagem que pertencia a outra dimensão, ao mundo de Deus."

09/06/2019

Entrevista realizada ao Pe. **Fernando Rancan**, sacerdote da diocese de Verona, que conheceu o Opus Dei em Roma em 1954.

Pe. Fernando, pode-nos contar como e quando teve lugar o seu primeiro encontro com o fundador do Opus Dei?

Em 1953 alguém falou de mim ao Padre (São Josemaria) e, como costumava fazer com as pessoas de quem lhe falavam, incluiu-me entre as intenções da sua oração. Contudo, por diversos motivos, durante a minha primeira estadia em Roma, não se proporcionou uma ocasião conveniente para poder conhecê-lo pessoalmente. Em finais de 1959, sendo o primeiro sacerdote adscrito da Sociedade Sacerdotal da Santa

Cruz e Opus Dei na Itália, o Padre quis conhecer-me. Fui para Roma no mês de Dezembro desse ano, e fiquei em Villa Tevere, Sede Central do Opus Dei. No dia 10 desse mês fui recebido pelo Padre.

Que lembranças guarda desse encontro?

Não é fácil descrever a emoção que experimentei durante aquele primeiro encontro com São Josemaria. Quando se abriu a porta da sala de estar, nem tive tempo para me aproximar e o cumprimentar, já que, sem perceber, me senti envolvido pelo seu abraço forte e vibrante, de carinho paternal: “Meu filho! ...” e depois já não me lembro de mais nada.

Todas as coisas que tinha pensado dizer-lhe desapareceram da minha mente, fiquei completamente em branco, não encontrava as palavras e, se tentava encontrar algo para

dizer, uma expressão, sentia-me como uma criança a balbuciar, que entre uma e outra brincadeira, desatinava constantemente com comentários que, quando não eram evidentes, resultavam ridículos.

Tendo estado mais de uma hora com o Padre, não consegui reter nada do que me disse, do mesmo modo como tinha esquecido tudo o que pensara dizer-lhe. Era só ele. A sua grande personalidade impedia, sem ser incômodo, qualquer outro pensamento. As únicas palavras que me ficaram daquele encontro foram: “Tinha tanta vontade de te ver! Tu também és filho da minha oração!”. Não pude esquecê-las porque se referiam à minha vocação.

Depois de me saudar com aquele forte abraço, São Josemaria perguntou-me se gostaria de celebrar Missa no dia seguinte no oratório de *Santa Maria Stella Orientis*, que se

encontra em Villa Tevere, muito perto da Igreja Prelatícia do Opus Dei.

Conheceu Villa Tevere por dentro?

São Josemaria quis acompanhar-me pessoalmente para eu conhecer toda a casa, especialmente os oratórios. Todo o percurso a seu lado foi como uma apaixonante catequese sobre o espírito do Opus Dei. Detinha-se em elementos da casa que poderiam parecer insignificantes, mas que eram a materialização de um ou outro aspecto do espírito da Obra. Em toda a casa, não havia, de fato, uma esquina, por mais escondida que pudesse estar, que não estivesse cuidada e embelezada por critérios não só arquitetônicos ou decorativos, mas com qualquer referência a algum aspecto ascético ou sobrenatural da Obra.

Era como se me quisesse dizer: na Obra importam-nos as coisas

pequenas, mesmo que ninguém as veja, porque as vê Deus e fazemos cada coisa por amor a Ele. De fato, durante todo o percurso através dos diversos lugares da casa, cada vez que parava, olhava-me com o seu olhar penetrante pleno de afeto e dizia: “Meu filho, estes edifícios que vês parece que são de pedra, mas são feitos de amor.”

Qual era a aparência de Villa Tevere?

Naquela época tinham acabado as obras em Villa Tevere, e o Padre queria colocar um ‘selo’ sobre a última pedra no dia da festa da Imaculada Conceição. Não me recordo do motivo, mas essa pedra com a inscrição “*Melior est finis quam principium*” (Melhor é o fim do que o início) só ficou pronta para o dia 9 de Janeiro seguinte, aniversário do Padre. Mas, antes de me deixar ir embora, o Padre levou-me a uma

janela que dá para um pátio interior e indicando-me um retângulo ainda vazio sobre a fachada de Villa Tevere disse: “Ali colocarei a última pedra...”. Depois, olhando-me fixamente acrescentou: “Meu filho, na Obra santificamo-nos através do trabalho bem feito, mas não nos santificamos simplesmente porque está bem feito, mas porque está terminado. Essa é a razão por que na Obra gostamos mais das últimas do que das primeiras pedras.”

Que impressão lhe deixou aquele encontro?

Durante a longa hora em que estive com o Padre perdi a noção do tempo. Tinha mergulhado num cúmulo de maravilhas que, sendo deste mundo, falavam uma linguagem que pertencia a outra dimensão, ao mundo de Deus. Ao sair de Villa Tevere, dei comigo na rua a olhar em volta para descobrir as coisas de

sempre; era uma sensação estranha, como se tivesse aterrado naquela terra depois de uma longa viagem, vindo de outro planeta.

Manteve posteriormente outros encontros significativos com o Padre?

Sim, quando ele quis conhecer a minha mãe. O trabalho apostólico em Verona tinha começado na minha casa. A minha mãe fazia o seu papel de dona da casa e ia passando as contas do Terço, enquanto os jovens assistiam aos meios de formação que aí se realizavam. De modo que o Padre quis conhecê-la.

Fomos juntos para Roma. A minha mãe era uma mulher simples, discreta, de poucas palavras, e estava preocupada com o que o Padre poderia dizer-lhe. Contudo, aconteceu algo que não esperava. Quando entrou na sala de estar, o Padre aproximou-se para a

cumprimentar com tanto carinho que a minha mãe ficou desarmada, era outra, perdeu todos os seus temores e até parecia uma pessoa extrovertida. Falaram durante meia hora como se se conhecessem desde sempre. O Padre sabia fazer com que as pessoas se sentissem à vontade.

O Pe. Fernando Rancan nasceu em Tregnago (Verona) a 14 de Junho de 1926. Formou-se em Ciências Biológicas na “Università della Sapienza” de Roma. Recebeu a ordenação sacerdotal em Verona. Escreveu diversos livros: “In quella casa c'ero anch'io.” (ed. Fede e Cultura); “Il senso del vivere”(Ed. ARES); São também do autor: “La moneta del tempo” (Um calendário para a alma); “Ricevi questo anello” (Reflexões sobre o matrimónio e a família); “Là dove cielo e terra si incontrano” (Sobre a oração cristã e a Missa); “Fiori di melograno”.

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
dev.opusdei.org/pt-br/article/o-meu-
primeiro-encontro-com-s-josemaria/](https://dev.opusdei.org/pt-br/article/o-meu-primeiro-encontro-com-s-josemaria/)
(05/08/2025)